

4 . COISAS E FATOS QUE ME MARCARAM, NA INFÂNCIA

Constata-se, atualmente, em plena era da tecnologia avançada, que com relação a brinquedos e entretenimento, as crianças, às vezes, se entusiasmam com aqueles mais simples, algumas delas já comuns e disponíveis na minha infância.

Bola

De qualquer tamanho ou material, a bola pontifica dentre as coisas mágicas, não apenas entre os menores. A mim, o arrebatamento foi menor, em face da minha pouca habilidade, tendo optado por ficar no gol, posição em que prescindia de talento com os pés. Mesmo assim, fui mal sucedido, até em peladas com número restrito de pessoas, todas querendo jogar na linha. Não me esforcei por fazer treinamento, por várias circunstâncias, uma das quais foi o trauma sofrido no dedo de uma das mãos, ao tentar defender o chute forte de um atacante adversário. Aquilo se deu em uma pelada no Sítio Passaré, do Raimundo Girão, durante um feriado, no qual estavam presentes alguns filhos do Raimundo (Célmo, Cécio, Célber, Célvio, Celzir, além do Célio – o médico – autoproclamado o craque da família) e os irmãos de Raimundo, pelo lado da Mariinha (Carlóis, Celso e Luís).

Roda

Desde tempos imemoriais, a roda tem marcado o progresso da humanidade, mesmo que, muitas vezes, com resultados catastróficos. A roda é também fascinante para adultos e crianças, como foi para mim, naquela criancice interiorana, de possibilidades lúdicas restritas. Um caminhãozinho, de plástico ou mesmo de madeira, era razão para se brincar com alegria. Com aquele brinquedo, simulavam-se algumas situações que ocorriam na vida real, como o transporte de cargas que, na nossa fantasia, podia ser de caixas de fósforos vazias, ou de caixas

vazias de remédio, o que também havia lá em casa, pois eu, com minhas gripes ou outras doenças da infância, freqüentes, era grande usuário de medicamentos, prescritos, na maioria das vezes, pelo farmacêutico Diomedes Brillhante.

Na minha infância, convivi com carro de boi. Papai chegou a possuir um deles, utilizando-o para transportar madeira e outros materiais.



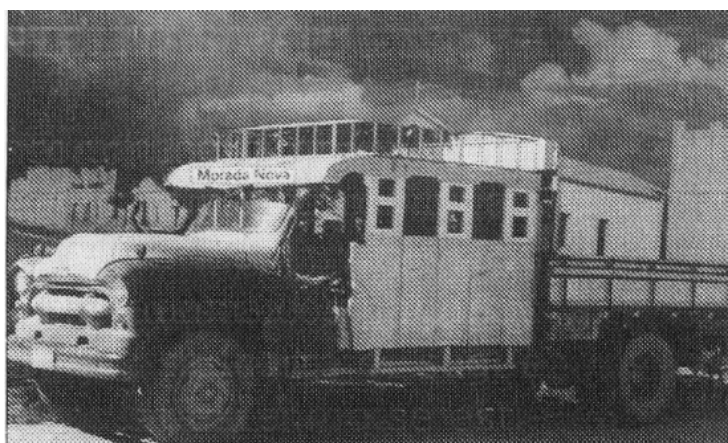
(Carro de boi, com grandes rodas de madeira, circundadas com fitas de aço). (4)

Aquele bucólico veículo emitia um gemido alto, a partir do atrito do seu eixo com uma engrenagem, e se anunciava de longe. Ouvindo aquilo, eu corria ao seu encontro, bem antes da sua chegada lá em casa, a fim de vivenciar todo aquele “cortejo” e voltar para a casa “de carona”. O referido veículo, porém, era pouco custo/eficaz, por necessitar de mais de uma junta de bois, nem sempre fácil de serem conseguidos e mantidos. O carreiro, que usava um ferrão para animar os bois, também implicava em dispêndio financeiro, mesmo que a paga pudesse ser feita, em parte, com gêneros alimentícios. Os trabalhadores, em geral, eram dedicados, reconhecidos e disponíveis. Ao contrário da atualidade, quando não é fácil de se obter um dia de serviço, pois muitos homens e mulheres saudáveis, sem emprego, são sustentados com as várias modalidades de ajuda financeira oficial. Quando não do jovem, a bolsa vem dos pais, bancando, quase sempre, o ócio dos seus

dependentes. Por essas e outras, o carro de boi cedeu lugar à carroça de tração por um único animal (boi ou, mais comumente cavalo ou burro), mais veloz e econômica, embora com menor capacidade de carga.

Sabedor do meu gosto por veículo de roda, um carpinteiro, amigo da família, fabricou e me deu de presente uma charretinha, que poderia ser puxada apenas por um carneiro, o que me encheu de alegria. Mamãe, porém, valendo-se do seu zelo matriarcal excessivo, ficou receosa de que eu, com tal brinquedo, poderia vir a me acidentiar, banindo a pequena charrete lá de casa, dando-me a justificativa esfarrapada de que a mesma tinha sido roubada. Frustrado, terminei por me conformar, em face do imenso xodó que a ela me unia.

Não enveredei pela posse ou uso de outros meios de transporte de roda, nem mesmo a bicicleta - que vim a guiar, somente na adolescência. Dirigir qualquer veículo, convenhamos, tinha e tem charme, embora atualmente, encerre considerável risco de acidente, de invalidez e de morte. Confesso, no entanto, que, naquela época, me batia uma ponta de inveja dos motoristas de carros. Eles, além da sua desenvoltura com suas máquinas, usavam melhores roupas do que as dos camponeses, portavam relógio de pulso e, valendo-se da brilhantina, mantinham o penteado bem alinhado. Charmosos, eram, em geral, bastante assediados por moçoilas do sertão, com quem, muitas vezes, viriam a se casar. Até mesmo um alienígena que veio para pilotar o trator, desses usados para preparar a terra para o plantio, na fazenda de um meu tio, desposou a sua formosa primogênita.



O misto do João de Deus Girão ou do Arimateia Cordeiro (4)

Avião

Objetos que voam sempre me despertaram fascínio, a ponto de eu ter tido, quando criança, vontade, nunca expressa, de vir a ser aviador. Naquelas brenhas do sertão, enxergava-se avião muito à distância. Imagino que eram os que vinham para Fortaleza e se podia avistá-los, muitas vezes, porque, naqueles tempos, mesmos os aparelhos mais possantes, não trafegavam nas grandes alturas de atualmente. Teve uma ocasião que alguns pequenos aeroplanos, do tipo teco-teco, foram para Morada Nova, e fizeram voos para pessoas que quisessem e pagassem pelo passeio aéreo. Lembro-me de que Luiz, meu irmão, fez isso, mas não chegou a me falar da sensação que teve. Assim, do solo, fiquei algo assustado quando aquele objeto passou baixo, e, para mim, em alta velocidade, sobre minha cabeça. O barulho, por instantes, era muito forte. Aquela ocasião, por sinal, serviu para quebrar a monotonia dos moradanovenses, tão carentes de novidades, àquela época. Outro acontecimento correlato foi quando uma aeronave, pequena - já que nosso campo de aviação não permitia pouso de outras maiores - veio conduzindo a imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima. Uma multidão se deslocou até aquele “aeroporto” para receber a santa, seguindo, em procissão, até a igreja matriz da cidade. Aflora-me bem à memória o grande desconforto causado, sobretudo, pelo calor do sol, quase a pino, e a sede que sentíamos. Água, frescos ou fruta, tipo laranja podiam ser adquiridos na ocasião, mas por preço exorbitante, cobrado por aproveitadores que, desrespeitaram a própria presença da Mãe de Deus, simbolizada naquela Imagem peregrina.

Paraquedas também me despertavam admiração, a partir, inclusive, da sensação de segurança que, pelo menos teoricamente, dava às pessoas que viajassem de avião. (Na minha ingenuidade, achava que, na hipótese de uma pane “lá em cima”, todos os passageiros poderiam ser salvos pulando de paraquedas...). Assim, eu, frequentemente, rabiscava, em papel e até nas paredes de casa, aviões despejando pessoas atreladas a paraquedas.

Barcos

Tanto quanto os que flutuam no ar, os barcos, ou quaisquer objeto que na superfície da água se mantenham, também me causavam encanto. As nossas Marinhas (Mercante e, mesmo, a Militar) me

despertam uma grande simpatia, a começar pela brancura do uniforme dos seus valorosos membros. Transcende, ademais, a qualquer tentativa de quantificação, a importância da navegação para a humanidade. É certo que, desafortunadamente, muito da sua participação tem sido para a guerra e outros flagelos. Felizmente, muito mais o foi e é, para o progresso, de toda natureza e, assim, para o bem estar da Sociedade Humana, transportando pessoas, bens, mercadorias, cultura e costumes aos mais diversos portos e lugares.

No sertão, da minha aurora de vida, andei somente em canoas - que eram utilizadas em açudes ou para atravessar o Rio Banabuiú nas suas eventuais cheias. A lagoa do Canto da Onça, quando a sua parede não estava arrombada, juntava pouca água e não lembro se havia canoa ou outro barco por lá. De qualquer maneira, nela se podia tomar um banho agradável. As ocasiões em que passei de canoa foi no açude do Zuca da Petra, meu tio afim, pois marido da tia Lulu, irmã do meu pai. Para a casa dele se ia, algumas vezes, passar o dia, na sua convivência alegre e da sua família, principalmente, a do primo Airton. Apesar da minha limitada convivência com embarcações, eu me embevecia olhando fotos, em revistas, de navios, principalmente os vasos de guerra, naquela metade dos anos quarenta. Uma visão mais detalhada, a respeito, passei a ter, assistindo filmes relativos à Segunda Guerra Mundial, alguns deles quando ainda residia em Morada Nova. Em 1970/71, quando já residindo no Hotel Barão de Tefé, Rio de Janeiro, para cumprir os dois anos de Residência Médica no Hospital dos Servidores do Estado, transitei por várias vezes na **Barca Cantareira**, indo e voltando de Niterói. Naquela democrática e bucólica barca, dava para se relaxar um pouco e apreciar a paisagem, especialmente, a vista daquela cidade, então maravilhosa, quando se retornava de Niterói. Anos depois, faríamos um passeio pelo **Mar Egeu**, a partir de Atenas, durante seis dias. Nele, Valtina e eu tivemos a companhia agradável de **Norma e Paulo Matos**. Então, fruímos da visão e da boa sensação de andar por várias daquelas ilhas e da própria capital da Grécia, da sua culinária mediterrânea, seu vinho, alguns dos seus costumes e seu imensurável rastro cultural. De navio, já no início deste terceiro milênio, tivemos também um agradável tour pelas capitais bálticas. A sistemática deste último cruzeiro foi a mesma, ou seja, navegar-se à noite e, logo depois do café da manhã no navio, desembarcar, para conhecer as cidades durante todo o dia e retornar no final das tarde para a embarcação. Assim, foi possível ter contato com

capitais da Escandinávia, iniciando por Copenhague e conhecendo a lendária capital da Rússia pré-comunista - S.Petersburgo. O conforto e as possibilidades de entretenimento, a bordo, neste último passeio, foram tantas e tão agradáveis que me ficou a sensação de ter vivenciado, talvez, a minha melhor experiência de lazer.

Retratos



Minha primeira foto, aos três anos de idade (11)

Penso que, para a maioria das pessoas, figuras sempre despertam curiosidade. Sem dúvida, é a imagem o aspecto mais importante nos meios de comunicação. E quem não se comunica ... Antes do advento das pequenas máquinas fotográficas, vulgarizadas com a designação de Kodak, por ser esta a principal marca dela, havia os fotógrafos com os seus equipamentos *lambe-lambe*. Janjão do Máximo era um deles, a excursionar pelas casas do “interior do mato”. Lembro-me de ter ficado também fascinado pela primeira fotografia em que apareci (foto acima). A única e transitória frustração foi pela demora em receber a respectiva foto, porquanto tinha imaginado que, se tratando de um instantâneo, o retrato ficaria pronto imediatamente.

Livros, principalmente com figuras

Não sei bem de onde vem, mas o livro novo tem um cheiro característico, suave. Poder-se-ia fazer uma ilação, para fins de suporte emocional ao estudante que esteja tenso com o ano letivo a encarar, quem com aquele odor agradável, o livro esteja a clamar por ser devidamente “desvirginado”, pelo leitor, que venha a possuí-lo com avidez.

A tecnologia do papel carbono

Na escola da **Dona Santana**, escrevia-se a lápis. Lápis + borracha me tocam positivamente, pois permitem que, sem trauma para o papel, se corrijam coisas erradamente escritas. Com o passar do tempo, quase todos nós, necessitamos de passar uma borracha em algumas linhas que vivenciamos, mesmo que, muitas vezes elas não tenham sido necessariamente tortuosas... Neste aspecto, o computador tem sido providencial, ensejando que se corrijam, ou pelos menos se atualizem, textos ou outros escritos.

Mesmo com toda essa “reverência” ao lápis, não nego que, cedo ainda, aspirei a escrever com caneta. E assim, papai atendeu a mais este pedido do seu caçula e me trouxe, da Rua, uma pena e um vidro de tinta, com tampa de cortiça. Sucede que, no meu imediatismo e no afã de experimentar, logo, o novo método, tentei abrir o frasco de tinta, no que tive dificuldade, sendo que, após algumas tentativas atabalhoadas, destruí, mais do que arranquei, aquela tampa, vindo a derramar quase todo o conteúdo do frasco, sujei-me as mãos e manchei indelevelmente a toalha da mesa. Depois daquele incidente, talvez por autopunição e má qualidade da pena ou da tinta, não mais usei aqueles “apetrechos” e voltei para o lápis, até que, muitos anos depois, viesse a surgir a prática caneta esferográfica.

Naquela época, o jogo de bicho era oferecido por cambistas, que percorriam as casas do sertão à cata de alguém que quisesse “fazer uma fezinha”. Lá em casa, não me lembro de que alguém gostasse de arriscar a sorte. Lembro-me da boa caligrafia, a lápis, do cambista, parece que o **Sr. Felício Girão**, que também era marchante e magarefe de carne de criação. O que me causava admiração - algo simples, mas que eu nunca vira - era a transmissão, para a segunda via, do que era escrito na primeira via da pule. Tal “tecnologia” tanto me entusiasmou, que

cheguei a pedir para que mamãe deixasse eu ser, cambista de jogo de bicho, ao que ela, desconversando generosamente, prometeu que me poderia atender, eventualmente, depois...

A primeira cueca (*a gente nunca esquece...*). Corte dos cabelos cacheados. Calça comprida

Minha mana Maria continuou a me dedicar grande carinho. Nesse sentido, atendeu-me em mais uma vontade infantil. Operando, com competência, a sua potente Singer com a qual costurava habilmente roupas e outras peças, não demorou em fazer para mim uma cueca. A primeira da minha vida.

Na verdade, ao que me lembre, pouco cheguei a vesti-la, depois da sua inauguração, pois o que eu queria mesmo era me ver e sentir usando algo que, em geral, é inerente a adultos. Invecionei de criança mimada.

Cabelo comprido feito mulher, naquele tempo, não condizia bem com a condição masculina. Mesmo com belos cachos dourados, bateu-me a vontade de cortar aqueles cabelos, idéia com a qual mamãe não compartilhava, mas aquiesceu. O barbeiro mais conhecido era o **Seu Martins**, esposo da **Dona Maria Conceição** ex-professora de Luiz e Nilda. Distando cerca de meia légua a casa deles da nossa, apelamos para uma solução doméstica. É que **Fausto**, meu cunhado, também tinha alguma prática em desbastar cabeleiras e não se fez por rogado, em fazer-me um corte tipo cadete.

Também, pela vontade de parecer gente grande, idealizava eu usar, o mais cedo possível, calça comprida o que, aliás, para quem mora nos matos é mais conveniente e seguro (há proteção contra mutucas que prosperam durante o período chuvoso e evita arranhões por garranchos de mato). Não me recordo quando exatamente abandonei a calça curta. É certo que, ao transferir moradia para a rua e lá ingressar na Escola Egídia, já me vestia feito um homem.

Quinaípos, alpercatas, sapatos, calos

Para as atividades de pega de gado, os vaqueiros usavam chinelas de couro curtido, cobrindo o antepé e compondo, com as demais peças, de igual material, a indumentária necessária para campear. Na lida diária, calçava-se, simplesmente, alpercatas, também sem rabicho e de

solado de borracha, derivada de pneus, ou mesmo de sola ou couro cru. Para crianças quinaipos (alpercatas de rabicho) eram mais adequados, mais seguros e não se perdiam facilmente nos folgedos infantis. Havia alguns daqueles calçados com certa sofisticação, de cores variadas e, novinhos, sempre tinham um odor algo agradável. Usei muito quinaipos, mas, passei a flertar com uns sapatos, no estabelecimento do **calçadista Almir**. Terminei por formalizar meu pedido a papai, que, a exemplo de quase tudo que eu desejasse, me atendeu. Aquele sapateiro, na sua praticidade, mas sem a menor vocação em lidar com crianças, mostrou má vontade em confeccionar o tal calçado. Alegou que, sendo eu um menino ainda e, principalmente morando nos matos, para que usar sapato? ...Findou, no entanto, por fazer o meu par, de modo que, no domingo seguinte, estava eu calçando os meus primeiros sapatos. Acontece que o filho de uma mãe daquele artífice fabricou os sapatos num tamanho que apertava os pés. Tentei, mesmo assim, usá-los, mas apareceram os inevitáveis calos, já após as primeiras passadas, não havendo como contornar a situação.

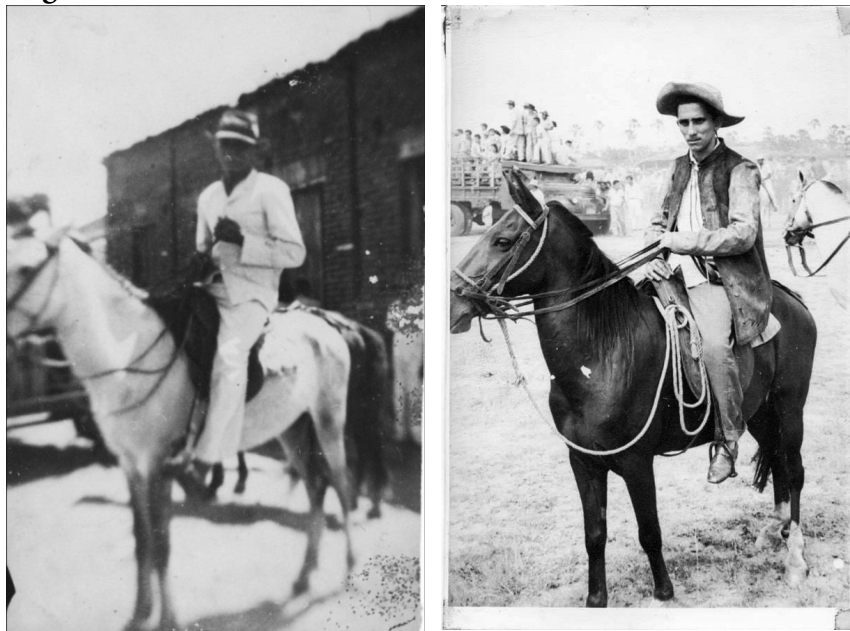
Não fiz a encomenda de outro par de maior tamanho e me resignei a voltar para os quinaipos.

Resistir a uma cocada - quem há de?

A natureza humana tem das suas. Pois não é que, com uma grande prevalência de seus membros sendo diabéticos ou pré-diabéticos, os Girões adoram coisas doces.

O primeiro e agradável contato gustativo com tão saboroso petisco que me aconteceu, sendo eu, ainda, menino véi, no Beco do Macaco, em Morada Nova. Havia uma lanchonete muito simples e de cardápio restrito, comandada pela dona Etelvina, mas a sua cocada ... Papai cometeu a insensatez de me deixar provar de uma delas, mas eu não me contive e fui em três, seguidamente, apesar de ele tentar, sem êxito, me admoestar contra tal gulodice. O certo é que, na vida adulta, apesar da ameaça diabética, conter-me não consigo em face de uma cocada, mormente quando há uma grande variedade de sabores, cada qual o mais gostoso. Felizmente, consigo me segurar e não passar de uma, às vezes só uma pequena beliscada para matar o verme ... Não sei, por sinal, se a expressão rei da cocada preta pretende fazer alusão elogiosa a tão gostosa comida, o que não seria, de todo, exagerado.

O elogio ao cavalo



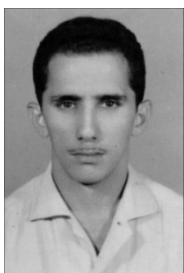
À E: **Papai**, no *Cardão*; à D (3), **Guilherme Girão (GG)**,
no meu *Pancinha*, aprecia a *Vaquejada* (12)

Linhas atrás, referi-me, rapidamente, à importância essencial do cavalo, para a lida do vaqueiro, na pega do boi. É preciso que o animal seja de bom porte, não necessariamente como os que correm nas vaquejadas atuais. Necessita também de ser bem treinado e se encostar ao vaqueiro, tão logo este imobilize o boi no chão, após o bom êxito da carreira, a fim de que o homem possa retirar a máscara, então conduzida na montaria, e colocá-la na cara da rês, antes de soltá-la e tangê-la. Um bom cavalo era fundamental ao homem do campo, naquele tempo de raridade de automóvel, pois, além de servir para a montaria de uma pessoa, podia levar outra na garupa, geralmente uma dama ou uma criança mais crescida.

Retroagindo no tempo, vê-se, por exemplo, damas montando selas, especialmente para elas desenhadas, e conduzindo, sozinhas, o seu cavalo. Este era escolhido, geralmente, em função de ser manso e, assim, não haver risco de acidentes para a dama. Em hotéis fazenda, que oferecem passeios a cavalo, há tal tipo de sela especial, embora, com o advento da calça comprida, as mulheres preferam mesmo é se escanchar nas selas comuns até para se sentirem mais seguras e, assim, galoparem sem risco maior de cair.

Um aspecto prático e, mais que isso, decididamente romântico, é o cavaleiro conduzir na garupa a sua amada, ensejando a que a sua prenda o abrace pela cintura.

Brochote ainda, fui, algumas vezes, para a rua montado em uma cangalha, em que eram fixados, em ambos os lados, recipientes contendo produtos da fazenda (queijo, manteiga, feijão etc.), para vender na cidade. Na maioria das vezes, porém, eu ia, de garupa, com papai, para a feira de domingo. Nas Noites de Natal, a garupa era com mamãe. Voltávamos, após a Missa do Galo, sendo que mamãe, além de cavalgar, tinha que ficar atenta para que eu, morto de sono, não caísse. No meu afã de parecer adulto, ganhei um cavalo (o Pancinha) que, mesmo de porte pequeno, servia muito bem. Nas minhas férias escolares, era eu que muito o utilizava, compartilhando-o com o **Guilherme Girão**, o GG, estimado primo (**foto a seguir**)⁽¹²⁾, o qual viria a ser, posteriormente, competente Juiz de Direito e festejado historiógrafo e cuja presença nos alegrava, a cada julho, daqueles saudosos anos cinquenta.

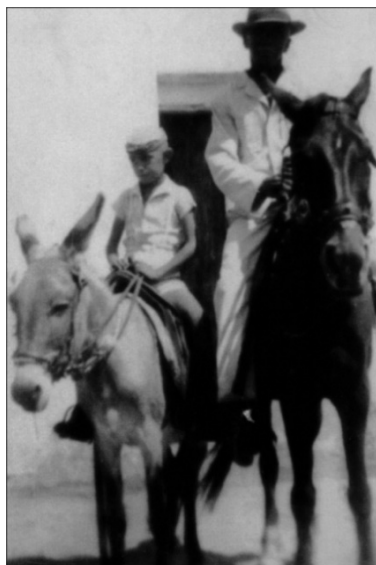


No cortejo dos vaqueiros, na sua Festa (onze de junho), era ocasião propícia para também se desfilarem a cavalo, conforme aparece GG na foto da página anterior). Naquele tempo, usávamos também a valiosa montaria para fazer visitas aos parentes e amigos da vizinhança. Cavalos brabos eu nunca ousei montar e, até do V-8, um jumento birrento e que gostava de saltar com a gente em cima, sempre me abstive de fazê-lo, de modo que, nunca cai de cavalo, no sentido literal. O único acidente me ocorreu, ao cavalgar na volta da aula da Dona Santana, por volta do meio dia. *Azul de fome* e com prenúncio de uma crise de enxaqueca, da qual padeço desde tenra idade, acelerei o cavalo, numa curva fechada e não pude me desviar de um pau branco, cujo caule se insinuava em parte do caminho. O joelho esquerdo, o traumatizado, ficou inchado e com grande limitação dos movimentos, por algumas semanas.

Louve-se, também, o jumento

Não incorreu em exagero um escritor cearense ao grafar, certa vez, a frase: jumento, nosso irmão. A exemplo dos caprinos que comem de tudo, aqueles animais sobrevivem facilmente no semiárido nordestino, onde secas (ou pelo menos, grandes estiagens) são muito comuns. Eles

se prestam bem a vários serviços, no campo e nas cidades: transporte de água para consumo humano e de alimentos; transporte de pessoas, tração de carroças e tantos outros. No passado, quando transporte motorizado era raro, a sua utilidade era bem maior e lembro-me bem de que o barro, necessário para restaurar a parede, rompida uma vez, da Lagoa do *Canto da Onça*, foi feito no lombo deles. Cabe também assinalar que, do cruzamento da sua espécie com eqüino, nasce os muar (burro), o qual, embora mais exigente em termos de manutenção, é de utilidade, maior ainda, posto que, mais corpulento e veloz.



No V-8, cheguei a acompanhar, muitas vezes, papai à Rua (3)

O touro zebu, *galante*; muito mais *carente* do que *valente*...

Mesmo em épocas favoráveis, sem perdas em decorrência da aftosa, mal triste, ou picada de cobra venenosa, a produção de leite, lá em casa, era pouco mais do que o suficiente para o consumo doméstico, embora, num bom inverno, se pudesse dispor de alguma sobra, com a qual mamãe produzia queijo.

Com sorte, podia papai separar um boi ou uma novilha, a vender para o corte. Tínhamos escassez de touro, especialmente os bons reprodutores. Vivenciei a existência de um jovem zebu, cujo nome não guardei, que era garboso e aparentava não ser de muitos amigos. Aquele animal me infringia um justificado temor. Mas, qual o quê...

Certa ocasião, na porteira do curral, estando encostados, eu pelo lado de fora e, dentro, o touro, ele se deixou acariciar, por mim, no cupim e na sua vasta testa, não tendo, por conseguinte, esboçado qualquer reação de desgosto. Ao contrário, aparentou, até, ter gostado. Em dias posteriores, cheguei a adentrar o curral e repetir-lhe aquele afago, também sem nenhuma resistência do animal, que chegava ao ponto de se deitar, para ser acarinhado, respeitosamente....

Este pequeno *causo* vem a propósito do que já é, por demais, sabido, ou seja: nada se perde em se tratar bem os outros, inclusive os animais. A ressalva óbvia, a respeito, é que, por outro lado, não se pode abrir mão da própria dignidade. Também não se pode confundir simplicidade ou, até mesmo humildade, quando isso for cabível, com subserviência.

Anésia, Francy e família. A animação do corte do carnaubal

De **Anésia**, carinhosamente Teté, minha irmã e o **Francy** (**Francisco Vieira Barreto**), seu esposo, são filhos: **Analdira**, **Audísio**, **Aurinete**, **Aurister**, **Aliete**, **Aurilene**, **Aurileide**, **Aliene** e **Audir**.



Anésia e Francy, nos primeiros anos de casados (5)

Analdira é professora de Curso Normal, exercendo, há anos, atividades de Secretária de Consultório Médico; solteira. **Audísio**: com boa formação educacional, exerce destacado cargo no DNOCS. Com sua esposa Maria do Socorro, Brilhante de nascimento, tem filhos e netos. Sobressai-se também pelo amplo relacionamento social em Morada Nova, onde brilhou, também, como atleta pebolístico. Professora de Nível Superior, em Biblioteconomia e residindo, há décadas, em Natal (RN), aposentada, apenas, formalmente, **Aurinete** goza do merecido acolhimento pelos seus pares da Universidade Federal do vizinho estado. Mesmo após o falecimento do seu esposo, Professor Luiz Gonzaga, não retornou ao Ceará. Os seus dois filhos avançam em atividades também de nível superior. De **Aurister**, sobrenome Rodrigues por parte do seu marido Edvalson, a herdeira é Ravena, com graduação universitária concluída, sendo funcionária da Caixa Econômica e com perspectiva de vãos mais altos. **Aliete**, após aposentar-se do cargo de Professora, em Morada Nova, reside em Fortaleza. **Aliene**, casada com Clerton Bezerra, é professora, com pós-graduação, dando colaboração atual ao ensino da APAE, de Fortaleza. O simpático Artur, seu caçula, compensa em amabilidade as suas limitações gênicas. Aline, a primogênita, progride no curso universitário que empreendeu e atualmente dá o seu labor à UNIMED Fortaleza. **Audir** tem a suceder-lhe o bem orientado e promissor filho Plínio. É um grande colaborador das fazendas e negócios do ilustre José Honorato de Lima-Francisca Girão Lima, seus padrinhos e sogros.

A família de Francy-Anésia residiu, por muitos anos, no lugar *Serrotinho*, ribeira norte do Banabuiú, onde Francy desenvolvia atividades agrícolas, tendo trabalhado também, por muitos anos e com particular habilidade e capacidade produtiva, no serviço do corte de palhas de carnaubeiras, onde exercia a importante função de vareiro, conforme melhor se detalha à frente. A cera da carnaúba, pelo menos nos mil novecentos e cinquenta, ainda tinha um valor razoável de mercado. Era, pois, necessário extraí-la, a partir do processamento das palhas daquelas majestosas palmeiras ceríferas.

A jornada do **corte de carnaúba** durava poucos dias e requeria uma equipe. O ajuntamento e movimento de pessoas, por si só, já era, para mim, motivo de animação. O comandante Francy trabalhava devidamente uniformizado, com roupa de tecidos rudes e resistentes, óculos escuros, chapéu bem preso à cabeça e uma afiadíssima foice na

ponta de uma imensa vara. Com maestria, desbastava rapidamente uma carnaubeira, cujas palhas se sucediam, na queda ameaçadora sobre o valente vareiro. E haja rapidez do ajuntador – o Sebastião Bia. A pilha das palhas, juntas perpendicularmente no chão, se constituíam na terceira etapa do trabalho, encarada, com toda a disposição, para o aparador- Luiz do Girão (meu mano), habilíssimo também, e não menos rápido no uso da goiva bem amolada. Ao Luiz cabia também a tarefa de formar feixes, cada qual com um número fixo de palhas. Para a tarefa de transportar estas, eram utilizados os jumentos, principalmente o *V-8* (do Girão) e o *Bem Feito* (do Francy), não sendo necessária tanta habilidade ou ciência, ficando o trabalho a cargo de um operário comum. Para este, era destinada, também, a função de conduzir os alguidares, com a comida, para aqueles operários, que, tanto quanto dispostos nas suas atividades no corte do carnaubal, eram vorazes para se fartarem da alimentação que, cedo da manhã, era preparada por mamãe, na casa sede da fazenda. Cabe a ressalva de que aqueles trabalhadores, ao lhes chegar o almoço, não tinham, ainda, quebrado o jejum. No começo da tarde, quando o sol começava a pender para o poente, havia um reabastecimento, com rapadura e farinha (podendo constar também de queijo, se o ano houvesse sido favorável para o gado leiteiro). As cabaças com água haviam sido abastecidas na cacimba do Riacho da Aroeira ou em outra fonte disponível. (Que o sol e o calor do sertão não brincam). A tolda, nos anos em que me lembro, já era no Serrotinho, vizinho à casa de Francy e Anésia, às margens do Rio Banabuiú. As palhas ficavam alguns dias expostas ao sol causticante, até soltarem o pó para serem levadas para a trincha. Depois, com o progresso tecnológico, uma máquina existia para extrair aquele pó. Para os trabalhadores da tolda, Anésia, a exemplo de mamãe, excedia-se no preparo da comida: feijão, arroz, algum tipo de carne, quando tinha, toucinho, farinha e rapadura. Tudo era transportado, entre nove e dez horas da manhã, em uma avantajada bacia, que ela conduzia na cabeça, forrada por uma rodilha de pano. A provisão da água para beber, vinha de uma cacimba cavada no leito seco do Banabuiú. Na redondeza do Canto da Onça, o processamento (do pó à cera) era feito no equipamento do Zezito Macena. O preço obtido pela venda do produto final (cera) era minimamente compensador.

A respeito de *Teté*, cumpre registrar ter sido ela, sempre, pródiga da bondade mais pura. À sua casa, tanto a dos matos como, posteriormente,

a da rua, muitas pessoas acorriam, para os mais diversos pedidos, especialmente comida. Pão e outros derivados do trigo, produzidos pela Padaria do Francy, eram largamente fornecidos, sendo que algumas daquelas pessoas se valiam, de maneira oportunista, da generosidade de Anésia. Cristã autêntica, ela atendia a todos e sempre se manteve firme e bondosa, mesmo quando esteve em face de adversidades. Anésia tinha uma infinita capacidade de acolher e perdoar, chegando-se a supor que, por tais virtudes, tenha sido ela *convocada*, ainda relativamente jovem (68 anos), para a instância eternamente superior, onde indene está às vicissitudes terrenas.

Francy, Anésia e os filhos se transfeririam, anos depois, para a sede do município (Morada Nova), onde o patriarca passou a comandar uma padaria, com produtos de boa qualidade e preços justos. Sofreu percalços financeiros, por inadimplência dos seus devedores, mas, mesmo assim, conduziu o seu negócio enquanto a saúde o permitiu. Em idade algo avançada, veio a falecer.

Festa no Interior

Com um acompanhamento musical muito simplório (sanfona, zabumba e triângulo) a dança de salão, naqueles encontros, se chamava de festa ou samba, sendo que, apenas posteriormente, seria designado por forró.

O pagamento do tocador e seus acompanhantes podia ser feito com o apurado da cota, paga pelos cavalheiros, mas, para cobrir as despesas, o dono da casa, ou o responsável pela festa, precisava, muitas vezes, de obter rendimento adicional com a venda, em banca de bebida (geralmente cachaça ou conhaque, guaraná, refresco artesanal), comida e cigarro.

Àquele tempo, infelizmente, fumar era uma atitude charmosa e, até, sinal de afirmação da condição adulta, principalmente se a pessoa soubesse tragar, devolvendo ao ambiente, após algum tempo e inclusive falar, aquela fumaça aspirada. É uma pena que galãs do cinema estadunidense e outras pessoas famosas tenham pago, com a morte por câncer ou enfisema, o ônus de tão elegante prática.

A propósito, fui protegido de viciar-me em tabaco. É que, ao ensaiar as primeiras baforadas, não me lembro se com cigarro comum ou com aqueles feitos com fumo de rolo, me embriaguei, sofrendo náuseas e vômitos. Desde então, não mais me atrevi a tentá-lo

Consumo de bebida alcoólica, naquelas ocasiões, era quase sempre por amorismo, embora houvesse alguns coitados que chegavam à embriaguez (por falta de costume ou por vício mesmo). Nesses casos, poderia surgir uma confusão, resultando às vezes em violência física, quando um *bêbo* se recusava a pagar a cota ou forçava uma parte (dança) com uma dama, comprometida com outro cavalheiro, geralmente seu namorado, noivo ou esposo. De todo modo, havia, além da diversão, a oportunidade, não freqüente no Sertão, de reencontro das famílias (geralmente comadres e compadres e sua moçada), sempre muito gratificante. As ocasiões de maior conagraçamento e, mesmo, de grande alegria, se davam principalmente nos meses de abril a julho, se bom inverno houvesse, para melhorar o ânimo das pessoas.

Enlevo pelos folguedos juninos

Festa de São João não era só fogueira e dança, pelo menos no Sertão. Implicava em toda uma sensação de felicidade coletiva, desde que houvesse inverno satisfatório. A natureza também se alegrava. Fauna e flora ficavam prenhes de vigor e exuberância vitais. Pieguice não é se falar em cheiro do mato e cheiro da terra. Quanto às gentes, nem se fala... Festas aconteciam e, quando não, havia, pelo menos, uma reunião de famílias vizinhas ou amigas, em torno da fogueira. Era a ocasião de pessoas se tornarem compadres, padrinhos ou afilhados de fogueira, sem valor religioso, mas de grande importância para estreitar mais ainda os laços de amizade. Fogos para a menina eram os mais simples, geralmente traque ou, no máximo, bomba rasga-lata, para evitar risco de queimaduras. As moças exercitavam as adivinhações, quanto ao matrimônio (faca na bananeira, agulha na bacia d'água e outros de que não me lembro). Não faltavam as comidas da época: pamonha, canjica, milho assado ou cozido, aluá. Não tive, na minha meninice, ocasião de assistir todas as cerimônias juninas, principalmente quadrilha e casamento matuto, porque as mesmas inexisiam nas redondezas de onde nós morávamos.

Chuva, batendo na telha. Banho de bica. *Molhando os pés no riacho.* O cheiro da flor do aguapé

Já deve ter sido vivenciado por muita gente, especialmente os que moram ou moraram no Sertão, o que acima enunciamos, por ser realmente agradável e, assim, bom ser evocado.

Talvez a boa recordação de tudo, ou quase tudo, daquilo resulte da sensação de alegria, despertada no sertanejo, por um período de bonança que advenha de uma boa safra de cereais essenciais, boa produção de leite pelo gado e disponibilidade de água nos reservatórios.

De fato, ouvir-se o som da água batendo no telhado é agradável, especialmente se houver disponibilidade para se permanecer deitado e, sendo, vez por outra, alcançado por um pingo d'água que tenha transposto a cobertura. Pelo zelo de mamãe eu só poderia tomar banho na bica quando a chuva não fosse muito forte e não houvesse relâmpagos ameaçadores. Ou, então, não fosse em horário em que a terra estivesse previamente quente (nas horas finais da manhã ou iniciais da tarde), *para evitar adoecer*. De qualquer maneira, tive muitas e boas chances de curtir aquele prazer. Já rapazote, livre da ameaça imediata de doença ou acidente e, sobretudo, do zelo excessivo da minha querida mãe, experimentei banhos de bica mais demorados, algumas vezes calibrados com algumas doses de cachaça.

No sertão, mesmo que a chuva não seja torrencial, podem surgir riachos pequenos e de fluxo fugaz. Entre a casa dos meus avós (Luiz Carneiro e Luzia) e a nossa havia uma baixa e, nela, um pequeno riacho, o **Tejo**, a desaguar na **Lagoa do Canto da Onça**. Não sei se esta designação foi posta em razão de lá terem existido exemplares de um lagarto comum nas caatingas (tejo ou tejuçu), ou, quem sabe, por zombaria ou ignorância de alguém que tenha visitado ou tido notícia do homônimo e importante rio de Portugal. Não dava para tomar banho no Tejo e em outros riachos de pequeno porte, a não ser que fosse banho de cuia, mas ensejava a que a gente se deitasse dentro daquela pequena corrente, para sentir a água passar por nosso corpo, o que era muito agradável. Se minúsculo fosse o fio d'água, fazia-se uma parede de areia para formar uma pequena represa, que logo viria a arrombar-se, mas que terá sido, naquela oportunidade, uma boa brincadeira e suficiente para, na nossa mente infantil, imaginar-se construindo uma grande barragem.

Humberto Teixeira, o conterrâneo iguatense que tanto produziu em poesia musicada, foi perfeito ao louvar a água fresca do riacho que, molhando os pés do caminhante do sertão, tem algo de mavioso. Quem vivenciou isso não tem como esquecer.

Banho no açude ou na lagoa

Açude - não o tínhamos. Contentávamo-nos, bastante, com a Lagoa do Canto da Onça, enquanto a sua água, acumulada durante as chuvas, não se exauria, durante o verão. Aquela lagoa, mesmo não sendo de nossa exclusiva propriedade, era a nossa lagoa e, quando cheia e, logo depois que sangrasse, a fim de se dispor de água limpa, era um convite ao banho. Quanto a este, sem o hábito de todos usarem calção, os homens não se banhavam concomitantemente com as mulheres. Estas, geralmente, mesmo sem a presença de homens, costumavam usar alguma vestimenta .

Um inconveniente maior, para o macho que se banhasse nu, era a possibilidade de ser mordido, em suas *partes*, por alguma piranha ou outro peixe, cuja fauna, por sinal, era escassa, naquela lagoa..

Com algum tempo do inverno, crescia a aguapé, planta aquática, flutuante, de flor violácea, cuja espécie, lá, além de dar flores de agradável perfume, não costumavam ter aquele grande crescimento vegetativo, que se tem visto em reservatório d'água de outros lugares, a ponto de prejudicar a biodiversidade.

Uma simplória e alegre brincadeira que fazíamos, durante aquele banho, era a de mergulhar, até o fundo das lagoa, para recuperar um objeto lançado por outro menino, o que, obviamente, era vetado a crianças menores que não estivessem acompanhadas de um adulto que soubesse nadar.

Efeitos colaterais do inverno: trovão, raios, enchentes, afogamentos, rombo nos açudes, atoleiros

Tudo demais é veneno, sentencia a sabedoria popular. Embora no sertão cearense não seja comum a ocorrência de enchentes, como as que ocorrem em outros locais do País, especialmente no Sudeste/Sul e Norte, há anos em que chove além da conta, diga-se com o perdão de São Pedro.

O ano de 1950 foi um desses. Os açudes, lagoas, barreiros e outros reservatórios de água encheram e sangraram. Muitos arrombaram. Houve casos que marcaram a nossa memória, pela proximidade familiar das vítimas. Albertina, querida filha adotiva do casal **Quincas Gomes/Maria Girão**, compadres dos meus e consogros dos meus pais, já que pais do cunhado Fausto, veio a perecer afogada. **Luiz do Firmo**, pessoa

muito estimada, até pela ternura despertada pelo seu aparente retardo mental, especialmente na hora de dar recados, também foi uma vítima de afogamento.

Tudo isso serviu para aumentar o receio para que mãe restringisse mais ainda o meu banho na lagoa (*meu filho, água não tem cabelos, repetia...*).

Outro problema do inverno pesado era que, nas estradas, facilmente transitáveis durante o período da estiagem, era praticamente impossível passar um veículo e difícil, até mesmo, para pessoas ou animais.

Com aquelas rodovias de terra, cedo se deteriorando, caminhões costumavam ficar no atoleiro, o que podia ser agravado pelas tentativas do motorista, para se livrar daquela situação embaraçosa, tentando acelerar, com uma primeira, cuja zuada se ouvia de longe. O problema só seria resolvido depois de repetidas tentativas, o que incluía a colocação de materiais debaixo das rodas (estacas de madeira, tábuas, tijolos, areia, barro), além da ajuda de vários homens, para empurrar o caminhão. Ocasionalmente, era necessário, até mesmo, um trator, raro naquelas bandas, para fazer a tração do veículo atolado. Nas nossas brincadeiras, em casa, com os carrinhos de plástico, chegávamos a imitar, com a boca, aquele som (zum, zum, zum), cujas variações fazíamos, imaginando o andamento que estivesse tendo o veículo real.

Efeitos menores também aconteciam no período chuvoso. Relâmpagos, seguidos de estrondosos trovões, nos assustavam, mesmo com quedas de raios pouco frequentes, causando danos à vida ou à saúde de pessoas. Não era raro, porém, se verem carnaubeiras aparadas, como resultado de uma daquelas descargas elétricas. As trovoadas, com muitos relâmpagos e mesmo sem muita chuva, metiam-nos mais medo ainda, ocasião em que se queimava palha benta e caprichávamos nas orações a Santa Bárbara e São Jerônimo, mantendo os pés suspensos do chão, para evitar fazer terra. Felizmente, lá em casa, tudo não passava do medo que sentíamos.

Numa internada, a boa convivência com Mariinha e os seus

Em 1951, o período de chuvas foi regular.

Mariinha, já viúva do Sousa, veio passar um mês na nossa casa, acompanhada dos filhos **Luís e Celso** e do **Sr. Heráclito**, pai dela.

Para deixá-los à vontade, fomos passar aquele mês no Campestre, outra pequena propriedade de papai, cerca meia légua ao norte da sede da fazenda, em plena caatinga. O ambiente era agradável, sentia-se mais facilmente o cheiro do mato verde e ouvia-se melhor o bater da chuva, no telhado. Uma pequena lagoa, que acumulava água no inverno, estava cheia, mas rasa, de modo que não levava risco de afogamento, para se tomar banho.

A casa era simples, com paredes de taipa, piso rústico, mas dava para nos acomodar (meus pais, Luiz, Nilda e eu). Naquele ambiente, pouco confortável, nos sentimos bem, até por ser diferente do habitual.

Fizemos algumas visitas aos nossos hóspedes da Nova Morada, ocasiões em que a convivência com eles, especialmente Luís e Celso, foi muito agradável, tendo me ficado bem vivo, na memória, o ensaio científico que eles fizeram para a construção de um relógio de sol. Usando uma vara, fixada na vertical, procuravam estimar a hora do dia, de acordo com o comprimento da sombra, no chão, produzida pelo sol incidindo sobre a vara, o que, então, já antecipava o espírito científico daqueles dois, especialmente o do Luís. A doce Mariinha tinha uma habilidade especial no fogão, sendo inesquecível o sabor que dava ao café donzelo, feito imediatamente após ser torrado e pilado. Tinha ela também muita competência para fazer um delicioso baião de dois. Heráclito primava pela severidade, com que aparentava ralhar com os mais novos (Você tá é cego, seu corno!), quando se cometia algum deslize, por menor que fosse, ou se dissesse algo contrário às suas atávicas convicções. Gostava de coalhada que, naquele mês era abundante, mas exigia que a mesma fosse feita a partir de leite cru.

**Projéteis. Baladeira e espingarda. Minha pontaria, péssima, graças !
Passarim: mais vale... todos voando, livres!**



Uma das minhas tentativas, felizmente frustrada, de acertar um passarinho (3)

Há outra coisa importante pela qual sempre agradeço a Deus: a de não ter aprendido a atirar. De baladeira ou de espingarda, eu sempre errava o alvo, mesmo que a feliz presa estivesse a poucos metros de mim. Podia ser, até, um passarim, geralmente uma rolhinha.

É claro que, àquele tempo de menino, isso era mais um motivo para frustração, que se juntava aos outros, já citados (fumar, tirar leite de vaca, capinar com desenvoltura). Não nego a admiração que tinha pelas pessoas com boa pontaria. Os mocinhos dos filmes de faroeste, então...

Já adulto e namorando **Valtina**, fui instado, numa das minhas idas a Teresina, pelo meu futuro sogro, **Antônio Santana** (o enfático Simplício) a dar uns tiros, com o *Trinta e Oito* dele. Logo ele, que se gabava de acertar, com frequência, mais de uma vez, o mesmo buraco. Decepcionei, novamente, o que pareceu despertar um certo desdém ao Seu Simplício, por não poder contabilizar, no meu currículo, um atributo que talvez ele pudesse almejar. Para entreter algo a respeito de armas, passei para ele um Taurus 32, que havia adquirido, na ingenuidade de me proteger. De volta, recebi um 38, cano curto, 5 tiros. Deste último também nunca fiz uso, terminando por doá-lo a um concunhado, possuidor de uma coleção de armas e que se diz também bom atirador.

Qual outras crianças, tive fascínio por pássaros. Minha falta de habilidade para capturá-los e a santa repressão de mamãe não me ensinaram a ter em casa nenhuma gaiola, de modo que, também neste tocante, minha consciência ética e ecológica foi protegida. Num apartamento onde já residimos, Valtina e eu fomos, com frequência, honrados e sobremodo alegrados com a vizinhança de rolinhas, que, construindo os seus ninhos nalgumas plantas ao lado da janela do nosso quarto, chocavam os seus ovos, até o nascimento dos respectivos filhotes. A permanência deles, no ninho, era fugaz, de modo que não usufruíamos do seu canto, mas a alegria era, certamente, maior do que se eles cantassem, engaiolados.

Zé Rodrigues e suas aventuras na selva



(E-D): **José Rodrigues e Solon**, duas figuras simples, porém marcantes (3)

A Amazônia deslumbra, por tudo que lhe diz respeito.

O Seu **José Rodrigues** foi um dos milhares de nordestinos que lá estiveram (1905 a 1920) e de onde muitos não retornaram. Oriundo das terras do Pacajus, outrora Guarani, o seu pai fora empregado de **Luiz Inácio Batista da Rocha**, esposo de **Inácia Carneiro de Souza**. Esta era bisavó de **Telésforo Carneiro Neto** (o nosso primo Netinho) e,

possivelmente, uma das pioneiras da nossa família a migrar de Morada Nova para os tabuleiros do **Guanacés (Sítio Alagadiço Grande)**. O mister principal do seu pai era cuidar da procriação de burros (animais muares que nascem do cruzamento de jumento com égua ou cavalo com jumenta) e da maior utilidade, por séculos, para o transporte de gente e de mercadorias nos vários Brasis. O trabalho incluía cuidar de tais animais e manejá-los na lida diária do sítio. Em 1934, em uma ida lá, para ajudar nos cuidados puerperais da filha Fransquinha (minha tia) que acabara de doar ao mundo - o Netinho, vovó Luzia convidou o referido **Zé Rodrigues** para vir para o Canto da Onça, ajudar nas tarefas de casa, posto que vovô Luiz Carneiro, cego dos olhos, restringia-se a uma rede e papai, embora muito dedicado aos pais, já tinha família e suas coisas para cuidar. Minhas primeiras lembranças do José Rodrigues datam do final da segunda metade dos anos quarenta, eu com cerca de cinco anos. Ele, já avançado na idade e não fazendo praticamente nenhuma tarefa mais pesada, como que aposentado, continuou morando na casa da vovó *Louza*. Tinha o hábito de mascar fumo de rolo, seus dentes eram como que aparados e, um sorriso discreto. Homem simples, era manso, falava baixo e era bem humorado. Sua camisa não costumava ser abotoada completamente, deixando à amostra o ventre delgado e enrugado. O cinto de sola, com larga fivela, era colocado por fora das arreatas da calça. Parece que sua roupa era feita por vovó, na sua Singer manual, com tecido de saco, originariamente utilizado para acondicionar açúcar, sal ou outro gênero alimentício, vindo da Capital para as bodegas da Rua. Suas calças geralmente deixavam parte das canelas a descoberto, suas alpercatas eram as mais simplórias, com solado de pneu e alças de sola e usava sempre um chapéu de couro, pequeno.

A sua memória retrógada, porém, era intacta, especialmente na parte relativa à sua vivência na Amazônia. E tome história de índios e animais selvagens, a maioria deles ferozes. Nosso *herói*, felizmente, se houve bem em todas as suas aventuras que, pacientemente narradas, muitas vezes reprisadas, sempre me enlevavam e me permitiam transportar, em pensamento, para lugares e cenas bastante excitantes, para mim, pelo menos, que vivia em tempo e lugar, onde muito escassos eram quaisquer meios de entretenimento.

Solon: calmo, lento mesmo, mas um bom reprodutor

Mesmo antes de papai ficar incapacitado e restrito ao leito, prostrado por causa da doença resultaria no seu falecimento, já contávamos, sempre que necessário, com um dia de trabalho do *Seu Solon*. Ele chegara naquelas redondezas, vários anos antes, parece que de alguma lugar do Rio Grande do Norte ou da Paraíba.

Solon era longilíneo, algo magro, pele clara, olhos esverdeados, muito calmo, lento, até.

Sua esposa, a **Dona Santa**, aparentemente também da mesma etnia do esposo, era baixa e algo rechonchuda. Era filha do *Seu Zé Cardoso*, homem tipo sanguíneo, entroncado (obeso) disposto para o trabalho, de quem meu pai, vez por outra, contratava também um dia de serviço, quando necessário.

Lá em casa, quando havia leite em quantidade satisfatória, um dos itens do jantar era coalhada, à qual se acrescentava rapadura raspada e farinha, a gosto. Os trabalhadores comiam ao nosso lado. Certa noite, nos causou admiração que o **Seu Zé Cardoso**, após botar coalhada e rapadura no seu prato, colocou a farinha, mas errando na conta, a comida ficou muito grossa. Para diluí-la, colocou mais coalhada e, novamente, não logrou a concentração ideal, de modo que pôs mais farinha... depois, mais coalhada etc. ... Após várias tentativas, já bastante farto, conseguiu a boa proporção dos componentes alimentares e concluiu a sua refeição, obviamente bastante farto, mas suado e algo ofegante. Tememos pelo risco de ele estar tendo uma *congestão*, o que, felizmente, não aconteceu. O conteúdo da panela de coalhada, embora bem reduzido, deu para alimentar, com alguma restrição, as outras pessoas, que estavam à mesa.

Solon, mesmo que se alimentasse bem, era magro, não sei se já afetado pela tuberculose, a qual viria a se manifestar posteriormente, ou por outra causa.

Após a morte de papai, ele passou a nos prestar os seus serviços, com mais frequência, inclusive na ordenha da vacas. Era lento, por demais, nas suas tarefas, de maneira tal que, enquanto mamãe conseguia tirar leite de três vacas, ele só lograva ordenhar uma.

Algo em que ele se mostrou bem pródigo foi na geração de filhos, deixando uma vasta prole.

As primeiras letras, com Dona Santana

A minha primeira escola era na zona rural, na **Fazenda Reforma** do meu tio – avô **Chico Carneiro**, distante alguns poucos quilômetros da nossa casa. Com competência, a Professora **Santana Guimarães** (**foto**) dava aos seus alunos um ensino fundamental de qualidade.



Professora Santana Guimarães (4)

Ela não conseguiu, porém, que eu lhe assimilasse a boa caligrafia (e não se venha tirar a conclusão, descabida, de que isto já era prenúncio de que eu viria, um dia, a ser médico... *A letra de médico...*). O fato é que eu mesmo devo me penitenciar da minha má caligrafia, não atribuindo, pois, qualquer culpa àquela estimada mestra, a qual tinha uma boa letra.

A propósito, permito-me fazer duas divagações. Ao iniciar no meu primeiro emprego, no **Cartório Girão**, sob orientação e remunerado pelo notável **Luís do Sousa**, uma das minhas tarefas era fazer as anotações, em um fichário, da movimentação dos processos. O que eu escrevia, porém, era difícil de ser lido por outras pessoas, constituindo-se em algo grave, mas que me era, santamente, dada a absolvição por aquele generoso chefe. Quando passei a escrever à máquina, fazia as anotações, tanto nas fichas, como nos processos, datilograficamente, o que facilitou a vida dos outros, mas como que me desestimulou, mais ainda, para eu melhorar a minha caligrafia.

Para fazer a prescrição médica, utilizo geralmente computador (anteriormente usei uma máquina de datilografia, que ainda mantenho perto da minha mesa de trabalho). Escrevo à mão somente quando poucos são os itens da receita. Nos prontuários dos pacientes privados, escrevo caligraficamente, sem muito esmero (até para ajudar a preservar o sigilo médico...) Nos prontuários de hospital, escrevo à caneta, mas de modo legível, muitas vezes em letras garrafais.

Numa caçada espirituosa, da sua vasta lavra, das muitas do Dr. João Martins, meu estimado colega de turma da FMUFC, ele costuma fazer um comentário jocoso, a respeito da minha má caligrafia. Conta ele que **Doutor Marcelo Martins Rodrigues**, meu mestre em Clínica Médica, ao ter ido passar uma temporada no Rio de Janeiro, para cumprir um Mestrado, deixou comigo – o que realmente aconteceu – uma boa parte dos seus clientes particulares. “Ocorre que, após retomar suas atividades clínicas em Fortaleza, Marcelo, não conseguindo decifrar o que escrevera no prontuário dos seus pacientes, se resignou em perder o paciente, a ter o trabalho de ler o que escrevi.”

A narrativa, agora, retorna à **minha escola primária**. Naquela escola rural, em que ainda se usava palmatória, para quem errava na tabuada, um dos dias mais marcantes foi o da minha primeira comunhão. Naturalmente, tudo se deu em moldes muito menos solenes do que os atuais, mas com intensa emoção e grande alegria para a garotada. Além da emocionada expectativa de receber a hóstia, prelibava-se, o lauto “café”, que se seguiria à cerimônia, quebrando o jejum de quem, desde a noite anterior, “não podia engolir nem cuspe”. Naquele evento, uma figura de destaque era a do **Padre Assis Monteiro**, vigário, por muitos anos, em Morada Nova. À época, ele ainda não possuía o seu jeep Willys. O vigário, nas suas viagens, se utilizava da sua cabriolé, puxada por um cavalo veloz. Depois de presidir a cerimônia e refestelar-se com um farto café, retornou à sede da paróquia, com o bagageiro do seu veículo repleto de galinha e outros agradados, gentilmente presenteados pelos fiéis.

Quanto ao restante das minhas primeiras letras, depois que a professora Dona Santana foi transferida de posto, passei a ter aulas em um ou dois locais, por curto período de tempo, até o final do ano de 1953.